

MANOEL HERZOG

# Boa noite, Amazona

ALFAGUARA



Copyright © 2019 by Manoel Herzog

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e ilustração de capa*  
Claudia Espinola de Carvalho

*Preparação*  
André Marinho

*Revisão*  
Luciane Helena Gomide  
Renata Lopes Del Nero

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Herzog, Manoel  
Boa noite, Amazona / Manoel Herzog. — 1ª ed.  
— Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN: 978-85-5652-085-2

1. Ficção brasileira I. Título.

---

19-25156

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

*À memória de meu pai,*  
Manoel Chainça

*Com um especial agradecimento à Rakel Possi,  
minha bruxa-espanhola, e ao sr. Agostinho Pereira,  
in memoriam, caboclo e velho mestre.*

*No consigo dormir. Tengo una mujer atravesada  
entre los párpados. Si pudiera, le diría que se vaya;  
pero tengo una mujer atravesada en la garganta.*

Eduardo Galeano



Tem sido difícil dormir. Horas a fio, a mente supera qualquer tentativa de anulação e pensa, insistente. Se o cansaço, por fim, a vence, e o sono começa a ultrapassar a barreira da vigília, então é que as pernas chutam. Involuntariamente.

“Pai, como faz pra parar de pensar?”

“Pois que não dá, ó filho, ninguém o consegue.”

“Mas eu quero conseguir.”

Tinha eu aí sete anos. Ele saía do diálogo à francesa, passava a falar pra ninguém:

“Dane-se” — balbuciava, espectro confuso atrás da fumaça do cigarro. Não era propriamente este o xingamento que proferia, mas vamos iniciar a narrativa sem termos chulos. Não gosto.

Depois de me fazer dormir ligado a trinta e dois eletrodos — contei-os — que drenavam meus sonhos a um computador, o médico fez um diagnóstico bonito:

“O senhor padece da Síndrome das Pernas Inquietas. É uma doença nova, tem acometido muitos

indivíduos. Trata-se com os mesmos medicamentos para epilepsia e mal de Parkinson.”

Tremi. Sou um sujeito à frente de meu tempo; inauguro doença, lanço moda. Há trinta anos tive depressão. Talvez fosse comum em Europa ou Estados Unidos, aqui ninguém conhecia. Estava ficando Louco, não compreendia aquela tristeza inusitada. Uns diziam ser esgotamento, outros, frescura; hoje é moda. Todo mundo que conheço tem ou teve episódio de depressão, síndrome do pânico, essas coisas. Pega até mal não padecer do Mal, sugere inutilidade, coisa de gente fútil imune a estresse, madame de shopping ou hippie pré-histórico.

A Síndrome das Pernas Inquietas vem se tornando popular, sai até em jornal; tenho sido um dos privilegiados em portar esta notável patologia, coisa de gente antenada, plugada, moderna. Só que não sou tão moderno assim, estou com quarenta e nove, quatro mais nove igual a treze, número de morte e transformação; energia de sexo neutralizada que se transmuda em impulso elétrico; eros que trava num falo inerte e foge às pernas onde há a descarga; chute a gol.

Minha vida acadêmica pautou-se nas aulas da faculdade de economia, que concluí, pra onde fui atrás de contato com a obra de meu ídolo, Karl Marx. Na Escola fui apresentado a Lord Keynes, Malthus, Marshall, Galbraith. Lá só ouvi falar de Marx, e mal, de passagem. Assim, os anos de militância política da juventude pouco me valeram

nos estudos. Formado, a despeito de ver no curso da vida vários de meus companheiros chegarem ao poder, não logrei sucesso em obter cargo público; a direita é mais solidária com seus adeptos. Fui trabalhar num banco privado, galgando considerável sucesso numa carreira anônima, tão anônima quanto as sociedades cujas ações eu era virtuoso ao manejar. Por exemplo, é minha ideia o comprometimento do salário e da aposentadoria dos proletários através de empréstimos consignados em folha de pagamento. Interessante filão no mercado de empréstimos, este dos pobres solventes. Rico é que gosta de dar calote. Segundo a máxima do mercado financeiro, o pobre paga direitinho, tem a honra por singelo patrimônio. Aliei-me a juristas e especialistas da área para desenvolver o projeto de legalização desta brutalidade, levada a cabo com êxito nas instâncias legislativas e mais, sob aplauso. Um economista de esquerda jogando do lado inimigo é uma tragédia para a causa. Era politicamente correto legalizar a usura, banir do mundo os agiotas de bairro, essas sanguessugas. Na verdade, só fiz prestigiar o capitalismo, concentrando o ganho em menos mãos. Talvez por isso tenha sido castigado, carma, com a doença do chute das pernas.

Criticam-me por ainda nos dias de hoje ser discípulo, seguidor e adorador de Karl Marx. Existe uma corja que se arroga a destruir o legado marxista sem ter lido a obra. Não quero aqui ficar me justificando, mas li os cinco volumes do *O Capital* e o



*Manifesto do Partido Comunista.* Sei cantar o hino da Internacional, sou um rebelde disciplinado.

Pra afrontar meu pai, que me queria militar, adotei o liberalismo civil radical e acabei indo trabalhar pra um sistema monetário que ao fim das contas é mais opressor e ditatorial que qualquer Estado. Vem deste império cínico a explicação de um ateísmo mascarado sob a banalização do sexo, a valorização da propriedade privada, a negação do Estado para implantação do absoluto *laissez-faire*. Mais ou menos o que vejo lá no banco: dinheiro a juros altos para aquisição de carros, barcos, mulheres bonitas, viagens com a família, filhos. Não sinto orgulho de trabalhar pra essa turma. Essa incoerência, a revolta, essa misantropia foi que me levou às descargas elétricas nas pernas.

Abandonei-a depois de vinte e tantos anos, preferi viver só. Foi logo depois d'ela achar-se no direito de devassar o arquivo de minhas literaturas fajutas. Nosso casamento vinha ruim desde o tempo em que acordamos na casa de campo com o urubu pousado no galho do jerivá. Dias depois foi o sangramento, ela fechou as pernas e ficou na cama, prendendo até o xixi. Nada adiantou, aborto veio abaixo. Acendemos uma vela era oito da noite, de manhã quando saí para trabalhar passei ao lado da chama que se extinguiu, derradeiro resquício de pavio. Foi só o tempo de ver aquele foguinho apagando,

meu filho dando adeus. Converso até hoje, num agarramento à tábua da crença, com sua alminha; criança de um mundo ideal, céu futuro. Não tivemos *mais* filhos. Nem as relações sexuais chegaram mais a termo, tolhido seu clímax na paranoia de tantra-ioga e sublimação do desejo carnal, ascensão da energia, kundalini. Consequência desta prisão de baixo-ventre, a impossibilidade de novos filhos. A regulação de gozo gerou outra consequência, tanto quanto funesta: os chutes nas pernas.

À semelhança dos centauros, sou dividido numa metade superior, pensante, e outra inferior, animal. Esta, guiada pelo impulso sexual, dana a querer trotar, galopar, andança equina desenfreada. Nos dois ou três primeiros coices o sono foge esbaforido, o corpo acorda assustado, o coração dispara, arruína tudo. Tenho, portanto, depois de tantas noites sem dormir, adquirido esta sensação de lá de vidro nos olhos, este torpor, estas pernas que queriam ir pra outro canto, este spleen, desgosto da vida. Desculpem a verborragia.